

# UMA BARRAGEM CONTRA O PACÍFICO

14.03 — 06.04.2025  
QUINTA A SÁBADO — 21H

QUARTA E DOMINGO — 16H  
SALA PRINCIPAL

TEATRO  
CRIAÇÃO CTA  
M/12

PREÇO ESPECIAL  
PARA GRUPOS — 6.50€

CARINA VERDASCA / PEDRO WALTER  
964 960 005 / PUBLICO@CTALMADA.PT

Organização

TEATRO MUNICIPAL  
**JOAQUIM BENITE**  **COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA**

Horário da Bilheteira  
Qua. a Sáb. — 13H30 às 22H30  
Dom. — 13H30 às 19H30

Contactos da Bilheteira  
21 273 93 60 / 917 433 120  
bilheteira@ctalmada.pt

Mais Informações  
ctalmada.pt

Subvenções



Foundation

## UMA HISTÓRIA DE COLONOS POBRES

Estamos em 1931: o contexto em que decorre **UMA BARRAGEM CONTRA O PACÍFICO** é comum a vários dos países europeus que ainda tinham colónias no século XX. Concretamente, fala-se do logro em que caíram milhões de pessoas atraídas pelos ‘El Dorados’ noutros continentes, bem como da iniquidade dos sistemas extractivistas nos quais os autóctones eram uma mera força de trabalho.

A personagem central desta história é uma mãe, antiga professora primária, que fora casada com um professor. Seduzido pela propaganda colonial, esse casal partira para a Ásia na expectativa de um futuro melhor. Após alguns anos relativamente felizes, o pai morre e a mãe fica sozinha com os dois filhos, Joseph e Suzanne. Durante dez anos trabalha como pianista no Cinema Éden, junta um pé-de-meia, e acaba por conseguir obter, após sucessivas tentativas, a concessão de um terreno para cultivo junto da administração colonial francesa. Só que os responsáveis pelo governo da colónia, uma vez que não receberam qualquer soma por debaixo da mesa, acabam por atribuir-lhe uma parcela incultivável.

Esta mãe, cujo único objectivo de vida consiste em deixar um pequeno pecúlio aos filhos, que ama extremosamente, acaba por obstinar-se na construção de uma barragem contra as marés do Pacífico, de forma a proteger as suas terras e as dos seus vizinhos. Essa barragem periclitante acaba por ser construída, graças à força de trabalho de centenas de camponeses levados pela sua esperança. Só que, durante a época das marés vivas, o mar destrói-a por completo.

É neste momento que se inicia a história que nos é contada por Marguerite Duras. Essa mãe, Joseph (com vinte e poucos anos), e Suzanne (uma adolescente) levam uma vida penível no seu *bungalow* desengonçado, construído no meio da concessão de terreno que lhes foi atribuída, e que a todo o momento poderá ser-lhes retirada pela Administração colonial. Que fazer? A energia e a esperança ainda não abandonaram esta mãe, que — numa espécie de loucura meticulosa, dissimulada e lúcida — toma o freio nos dentes, ao passo que teme a partida definitiva e inevitável dos filhos.

**UMA BARRAGEM CONTRA O PACÍFICO**, o romance que em 1950 celebrou em França Marguerite Duras, gira em torno das fúrias e dos amores de Joseph, da resignação de Suzanne, das intrigas de um certo Senhor Jo (filho de um rico negociante de terrenos) para seduzi-la, da morte da mãe, e da partida dos filhos para uma vida quiçá melhor. Duras baseou-se na sua biografia para contar uma história dominada pelo sol, o álcool, a imensa miséria dos asiáticos e dos colonos pobres, as alternâncias entre o riso louco e a tristeza — e uma sensualidade violenta.

A adaptação para teatro deste romance, que a **COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA** leva agora à cena na tradução de Lúcia Liba Mucznik, é da autoria da actriz francesa Geneviève Serreau e foi publicada na revista *L'Avant-Scène* em Janeiro de 1960.

## BIOGRAFIAS

**MARGUERITE DURAS** (Gia Định, Indochina francesa, 1914 – Paris, 1996) foi uma escritora, dramaturga, guionista, realizadora e jornalista francesa. Durante a infância viveu em Saigão (actual Hanói). Em 1932, após terminar o liceu, instala-se em França com a família. Estuda matemática, ciência política, licencia-se em Direito, e torna-se secretária no Ministério das Colónias, entre 1938 e 1940. Em 1939 casa-se com Robert Antelme e dois anos depois tem um filho nado-morto, do qual jamais conseguirá fazer o luto. Na Primavera de 1940 publica, com Philippe Roques, *L'Empire français*, o seu primeiro livro. Durante a II Grande Guerra alista-se na Resistência contra a ocupação Nazi. Em 1945 inscreve-se no Partido Comunista Francês, que abandona cinco anos depois. Em 1947 divorcia-se do primeiro marido e casa-se com Dionys Mascolo, de quem terá um filho. Nove anos depois, separa-se. Publica o primeiro romance, *Os impudentes*, em 1943, mas só se torna conhecida do grande público em 1950, com a narrativa de inspiração autobiográfica *Uma barragem contra o Pacífico*. É o início de uma importante carreira como romancista e dramaturga, que incluirá alguns dos mais relevantes títulos da literatura francesa da segunda metade do século XX, como *O marinheiro de Gibraltar* (1952), *O jardim* (1955), *Moderato cantabile* (1958) *O arrebatamento de Lol V. Stein* (1964), ou ainda *O Vice-Consul* (1966). Em 1984 publica *O amante*, que obtém o Prémio Goncourt e se torna num sucesso à escala global. De Marguerite Duras, a Companhia de Teatro de Almada levou à cena *Dias inteiros nas árvores*, encenação de Joaquim Benite (1991), e *La musica II*, encenação de Marie-Pierre Fernandes (1992).

**ÁLVARO CORREIA** tem o curso de Encenadores/Formação de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema e o Curso de Formação de Actores da Comuna – Teatro de Pesquisa. Pertenceu a essa companhia entre 1989 e 2015, tendo participado como actor em praticamente todas as criações desse período, e dirigido textos de autores tão diversificados como Harold Pinter, Luís Fonseca, Abel Neves, Lars Norén, Edward Albee, Molière, Arne Lygre, Samuel Beckett, Noel Coward, William Shakespeare, Henrik Ibsen, Falk Richter, ou Bernard-Marie Koltès. No Teatro Nacional D. Maria II dirigiu peças de Gil Vicente, Patrícia Portela e Joana Berthólo. Nos últimos três anos dirigiu as peças *Os filhos*, de Lucy Kirkwood, no Teatro Aberto; *A senhora de Dubuque*, de Edward Albee, no Teatro da Trindade, e *Prometeu/Artaud*, apresentada no TMJB no final do ano passado. É Professor Adjunto do Departamento de Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema, onde lecciona a disciplina de Interpretação desde 2000.

## FICHA ARTÍSTICA

Texto **MARGUERITE DURAS**  
Adaptação **GENEVIÈVE SERREAU**  
Tradução **LÚCIA LIBA MUCZNIK**  
Encenação **ÁLVARO CORREIA**  
Cenografia e Figurinos **SÉRGIO LOUREIRO**  
Música **SOFIA VITÓRIA**

Desenho de Luz **GUILHERME FRAZÃO**  
Interpretação **BRUNO SOARES  
NOGUEIRA, DAVID PEREIRA  
BASTOS, ERICA RODRIGUES, ÍRIS  
CAÑAMERO, JOÃO CABRAL, JOÃO  
JESUS, TERESA GAFFEIRA**

**“Os senhores venderam-me um deserto de água e sal em troca de quinze anos da minha vida. Vocês talvez não saibam, mas aqui morrem tantas crianças que os camponeses as enterram na lama dos arrozais, o que significa que as terras que vocês cobiçam e que lhes roubam, as únicas boas da planície, fervilham de cadáveres de crianças”.**

FALA DA MÃE, EM *UMA BARRAGEM CONTRA O PACÍFICO*, DE MARGUERITE DURAS

## O LADO OBSCURO DO ‘EL DORADO’

**UMA BARRAGEM CONTRA O PACÍFICO** é a história de uma longa injustiça, sempre presente no cerne da acção e contra a qual combatem — ou insultando-a, ou fugindo dela, ou morrendo — as três personagens principais desta peça: a Mãe e os seus dois filhos, Joseph e Suzanne.

Essa injustiça, levada a cabo pela administração colonial da Indochina francesa, foi utilizada por todos os sistemas coloniais europeus, com variantes, mas sempre segundo o mesmo princípio de exploração de uma raça dita inferior por uma dita superior. Nesta história, aqueles que sofrem essa injustiça são os da raça dos senhores: colonos pobres, atraídos para a colónia asiática na miragem de uma vida fácil e enriquecimento rápido, que umas certas literatura e propaganda se aplicavam a propalar em França no início do século XX.

A Mãe — uma antiga professora que comprou uma concessão de cem hectares incultiváveis — afadiga-se a defender o seu direito, no seio de uma miséria cavalgante, incapaz de renunciar à esperança, por muito tola e desesperançada que seja. Esta mulher é esmagada a cada instante por um “sistema” do qual é o elo mais fraco, justamente por ter querido beneficiar dele — tal qual uma Mãe Coragem, despojada pela mesma guerra de que tinha feito o seu ganha-pão.

Em redor de toda essa plantação desolada que ela se mata loucamente a manter, e que o Pacífico invade todos os anos, a miséria dos indígenas é infinita e incomparável à sua. A Mãe sente-o e sabe-o, mas a sua própria infelicidade corrói-a como um cancro. Colados a essa infelicidade, a particular e a geral, como moscas a uma armadilha, os seus dois filhos cultivam os seus próprios mitos, à margem da vida real: a partida e o amor. Num velho gramofone o tema inebriante da *Ramona*, o antigo Citroën B12 que “se parte todo”, a caça nas planícies e os banhos nas águas dos diques — tudo apenas serve para lhes exasperar o apelo da sua solidão, da sua juventude, do seu desejo desenfreado de “viver”.

**UMA BARRAGEM CONTRA O PACÍFICO** é também a história do confronto, causado pela miséria comum, entre duas gerações.

GENEVIÈVE SERREAU



Indochina, anos 20: camponeses com dois oficiais franceses



Indochina, anos 20: um colono rico numa jangada



Marguerite Duras com a mãe, Marie Donnadiou, na adolescência